

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL: UMA FERRAMENTA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL NO PARANÁ

Reinaldo Knorek
Universidade do Contestado (UnC)

Tiago Josie Kohut
Centro Universitário de União da Vitória – UNIUV

RESUMO

Este artigo tem como tema uma análise sobre a importância do associativismo nas Associações Comerciais Empresariais no Paraná - ACEs. Para tanto, buscou-se focar o fator confiança, como condição *sine qua non* para o agrupamento das empresas, e, por meio dela, a geração de capital social necessário ao desenvolvimento regional e territorial do Paraná. Nessa abordagem, foram utilizados os conceitos dos principais teóricos nessa temática: Tocqueville, Putnam, Fukuyama e Peyrefitte, buscando explicações necessárias para o fortalecimento da economia paranaense e sua importância das ACEs no contexto regional. A Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná (FACIAP), fundada em 1959, representa hoje 290 associações comerciais e um universo de mais de 50 mil empresas em todo o Estado. Este estudo teve como objetivo esclarecer a situação e explicar as práticas das ACEs como uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento empresarial no que reportar-se à ampliação e melhoria no empreendedorismo no Paraná. Em termos gerais, pode-se concluir que o formato adotado pelas ACEs é promissor, porém, faz-se necessário um ajuste entre as partes, para que essa satisfação apresentada saia do papel e passe a vigorar por meio de resultados práticos e aumento de índices como, por exemplo, o capital social e sua relação com o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional, Associativismo, Capital social, ACEs, Paraná.

1 INTRODUÇÃO

Associativismo é um tema tem sido focos de crescente debate entre acadêmicos e empresários, e até mesmo em discussões do senso comum, pois representa um fenômeno recente no desenvolvimento social, embora não se constitua em uma ideia recente, já que o conceito de associações é empregado na teoria organizacional desde o começo do século XX, partindo do princípio básico de que uma vez unidas e confiando umas nas outras, tornam-se mais fortes, e essa união faz com que encontrem as soluções para problemas comuns. O propósito das associações é reunir atributos que permitam uma adequação ao ambiente competitivo em uma única estrutura, sustentada por ações uniformizadas, porém descentralizadas e independentes, que possibilitem ganhos em escala, sem perda de flexibilidade das empresas associadas; nelas a iniciativa, a criatividade e a diversidade são molas propulsoras do trabalho, permitindo-lhes funcionar como verdadeiras escolas de cidadania, em busca das transformações que a sociedade exige.

As Associações Comerciais e Empresariais são entidades corporativistas, não meramente representantes de determinados setores da economia, mas entidades prestadoras de serviços, desde a simples reprodução de documentos a consultas de proteção ao crédito, treinamentos, parcerias, convênios e, principalmente, o fomento de discussões socioeconômicas sobre questões gerais e de âmbito municipal, estadual ou federal. Nesse ambiente, o associativismo pode tornar-se um diferencial competitivo, uma das formas de competição e diferenciação do processo produtivo, dos produtos e serviços.

2 REFERENCIAL

2.1 A FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL

O conceito de capital social é atualmente utilizado em pesquisa de campos disciplinares variados, unindo os interesses da sociologia, da economia, da ciência política e das áreas relacionadas à saúde, desenvolvimento econômico e educação. Dessa forma, faz-se necessário trazer à luz do conhecimento científico a definição de vários autores, elencados a seguir por MATOS (2009, p.42):

Robert Putnam destaca aspectos das organizações sociais que facilitam a coordenação das ações coletivas e a cooperação entre

elas.

Para Bordieu, capital social é um conjunto de relações sociais que o indivíduo ou um grupo mobiliza a seu favor, com o intuito de obter lucros e ter acesso, ou manter-se no polo dominante de um determinado campo.

James Coleman defende a função ou efeito do capital social e ênfase em redes densas e fechadas.

Para Alexis de Tocqueville a capacidade associativa e o aperfeiçoamento das instituições geram ampliação da vida democrática.

Ronald Burt ressalta a importância das redes abertas e cheias de lacunas estruturais. O posicionamento estratégico de certos atores nas redes (amigos, colegas e conhecimentos) os permite colocar pessoas em contato, sendo possível mediar a atuação dos participantes nas redes.

Para Francis Fukuyama, a habilidade das pessoas em trabalharem juntas com base em propósitos comuns em grupos e organizações. A existência de um conjunto de valores informais e normas compartilhadas que facilitam a cooperação.

De acordo com Peyrrefitte, o desenvolvimento é um florescimento resultante convergência de fatores culturais favoráveis. Não é o subdesenvolvimento que é preciso explicar, mas o desenvolvimento.

O capital social pode ser compreendido de duas formas distintas, em seu sentido individual, conceito trabalhado por Bordieu, e em seu sentido comunitário, conceito desenvolvido por Putnam (cujo precursor foi Coleman). De modo geral, pode-se considerar que capital social é o conjunto de recursos provenientes das relações sociais, pode-se citar como exemplo de formação de capital social os fenômenos coletivos, como: sindicatos, cooperativas, partidos políticos e associações em geral.

Para Putnam (2006), o capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando, dessa forma, as ações coordenadas, afirma:

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse [...] Por exemplo, em um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...] Numa comunidade rural, onde o agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar o seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamentos (PUTNAM, 2006, p.177).

Sendo assim, o capital social facilita a cooperação espontânea, efetivando um relacionamento baseado na confiança e no companheirismo, sendo os participantes perfeitamente cientes dos riscos do descumprimento das regras impostas, fazendo com que a aceitação de novos participantes nesse grupo, esteja condicionada a uma reputação de honestidade e confiabilidade. Outra característica própria do capital social, baseado na confiança, normas e cadeias de relacionamentos, é o fato de que ele normalmente constitui um bem público, ao contrário do capital convencional, que normalmente é constituído de um bem privado: “Por ser um atributo da estrutura social em que se insere o indivíduo, o capital social não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam” (PUTNAM, 2006, p.190), porém a participação ativa em associações e outras formas de organização contribuem sobremaneira para a visibilidade individual, tornando-se um passaporte para outra atividade da vida social.

2.2 O ASSOCIATIVISMO

Em Tocqueville, assim como em Putnam, encontram-se sugestões que fazem crer que a participação política é advinda do ativismo associativo. Em momento de grande entusiasmo pela experiência norte-americana, Tocqueville proclamara, em ‘A democracia na América’, que o sucesso da democracia norte-americana é fruto de sua vida associativa, responsável, quer pelo engajamento social, quer pela forma de desenvolvimento e atuação do governo.

Em seus estudos, Putnam (2000) concluiu que a democracia norte-americana tornou-se forte pela atuação das associações, da mesma forma que a retração da atividade cívica encolheria também a participação política, e com ela, o principal componente da democracia norte-americana, a participação popular.

Na busca de ações que possibilitem e promovam o desenvolvimento regional, encontra-se, nas práticas associativas, uma forma de gerar capital social e agregar valor aos produtos e serviços prestados por pequenos, médios e grandes empresários. De acordo com o Código Civil, em seu artigo 53, as associações são pessoas jurídicas constituídas pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos. Não há, entre os associados, direitos e obrigações recíprocos, mas sim entre os associados e a associação.

De acordo com Paes (2006, p.63):

A associação é uma modalidade de agrupamento dotada de personalidade jurídica, sendo pessoa jurídica de direito privado voltada à realização de interesses dos seus associados ou de uma finalidade de interesse social, cuja existência legal surge com a inscrição de seu estatuto no registro competente, desde que satisfeitos os requisitos legais, que ela tenha objetivo lícito e esteja regularmente organizada.

O associativismo se constitui em alternativa necessária de viabilização das atividades econômicas, possibilitando aos trabalhadores e pequenos proprietários um caminho efetivo para participar do mercado, em melhores condições de concorrência. Putnam (2002, p.103-104), inspirado principalmente na teoria de Tocqueville, afirma que as associações civis contribuem para a eficácia e a estabilidade do governo democrático, não só por causa de seus efeitos internos sobre o indivíduo, mas também por causa de seus efeitos externos sobre a sociedade. No âmbito interno, as associações incutem em seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público. A participação em organizações cívicas desenvolve o espírito de cooperação e o senso de responsabilidade comum para com os empreendimentos coletivos. Além disso, quando os indivíduos pertencem a grupos heterogêneos, com diferentes tipos de objetivos e membros, suas atitudes se tornam mais moderadas, em virtude da interação grupal e das múltiplas pressões. Fazer parte de uma associação pode desenvolver a autodisciplina e o espírito de colaboração.

2.3 O EMPREENDEDORISMO

O desejo de ter seu próprio negócio e, conseqüentemente, melhorar economicamente são os principais motivos que levam ao início de uma empresa. De acordo com Chiavenato (2008), empreendedor é a pessoa que idealiza uma ideia, a partir da abertura de um negócio, assumindo riscos, responsabilidades e inovando sempre. Para Dolabela (2008), o termo empreendedorismo corresponde a uma tradução da palavra *entrepreneursip*, que contém as ideias de iniciativa e inovação. É um termo que implica uma forma de ser, uma concepção de mundo, uma forma de se relacionar.

Afirma Dornelas (2007) que, apesar de serem várias as definições sobre empreendedorismo, podemos notar que alguns aspectos sobre o empreendedor estão

sempre presentes, como iniciativa e paixão pelo negócio, utilização criativa dos recursos disponíveis, aceitação de riscos e possibilidade de fracassar etc. Assim, pode-se definir o empreendedor, de maneira abrangente, e, ao mesmo tempo, objetiva, como aquele que faz acontecer, que se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização. De acordo com Costa (2013), o discurso de que o empreendedorismo nasce com o indivíduo vem mudando cada vez mais. Acredita-se que o processo empreendedor possa ser ensinado e entendido por qualquer pessoa, e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades encontradas no dia a dia.

Costa (2013) relata que pode-se considerar que a cultura regional gera relacionamentos entre empresários que formam as associações, gerando um círculo fechado e impenetrável, e um dos fatores que influenciam esse aspecto, e culminam na ausência da participação dos empresários, é a falta de confiança e pensamento independente de alguns para a inovação de produtos; redução de preço no produto disponibilizado no mercado, aquisição de máquinas e equipamentos, ou seja, melhorias estruturais adquiridas pelo envolvimento em uma rede de cooperação. Putnam (1996, p.179) afirma que a confiança é uma das formas de capital social, “[...] cuja oferta aumenta com o uso, em vez de diminuir, e que se esgotam se não forem utilizados”. Ou seja, quanto mais os empresários confiarem uns nos outros, maior será a confiança mútua, aumentando, dessa forma, a cooperação e alcançando melhores resultados.

Dornelas (2005) afirma que tão importante quanto conseguir financiamento inicial para o começo do negócio, são as assessorias que ajudarão o empreendedor a ultrapassar a primeira e, em geral, a mais difícil fase do empreendimento: a da sobrevivência. No início as empresas costumam ser frágeis, não têm marca, não são conhecidas, e também não conhecem muito bem o mercado em que atuam, devendo ser cautelosas em suas ações. Esse é um importante momento para as novas empresas aderirem ao associativismo, como forma de buscar amparo na experiência de empresas já consagradas, além dos benefícios oferecidos pela associação, pois o empreendedor, por mais otimista que seja, caso não esteja devidamente amparado na fase inicial do seu negócio.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 41-42), a finalidade da atividade científica é a obtenção da verdade, mediante comprovação de hipóteses, que, por sua vez, são pontes entre a observação da realidade e a teoria científica que a explica. Para isso, o tipo de pesquisa, em relação aos objetivos, é exploratória e descritiva. Em relação à corrente filosófica de investigação, o tipo de pesquisa é positivista, pois foi observada, pela estatística, a situação do posicionamento dos atores envolvidos nas ACEs. A natureza da pesquisa é aplicada, uma vez que procurou-se gerar conhecimento sobre desenvolvimento regional, e a contribuição das ACEs para esse desenvolvimento, partido da realidade das cidades do Paraná. Em relação ao método de investigação dedutivo, devido a um posicionamento geral dos associados para ser entendido no local da ACEs. Optou-se pela pesquisa qualitativa, também chamada de naturalística, por estudar um fenômeno relativo às ciências humanas e sociais, sendo necessário que o pesquisador entre em contato direto e prolongado com o ambiente em que o fenômeno está inserido. Uma das principais características da pesquisa qualitativa é a predominância da descrição de pessoas, de situações, de acontecimentos, de reações, inclusive transcrições de relatos. Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, realizou-se um levantamento bibliográfico, para contextualizar teoricamente o objeto de estudo. A coleta dos dados que subsidiou a análise e discussão da pesquisa de campo utilizou como instrumento a aplicação de entrevista, com questionário estruturado, constituído por perguntas fechadas, utilizando-se a escala de Likert (com 5 pontos).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Estado do Paraná possui 290 ACEs filiadas à Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná – FACIAP. Dessa população para o cálculo amostral utilizou-se erro amostral de 5%, nível de confiança 95%, percentual máximo de 99%, a amostra corresponde 5,17% da população. Os entrevistados responderam um grupo de questões que visa saber qual o Posicionamento atual das ACEs sobre as atividades propostas (o que as ACEs fazem ou pensam sobre os assuntos como infraestrutura, serviços, assuntos como empreendedorismo, desenvolvimento e função social das ACEs).

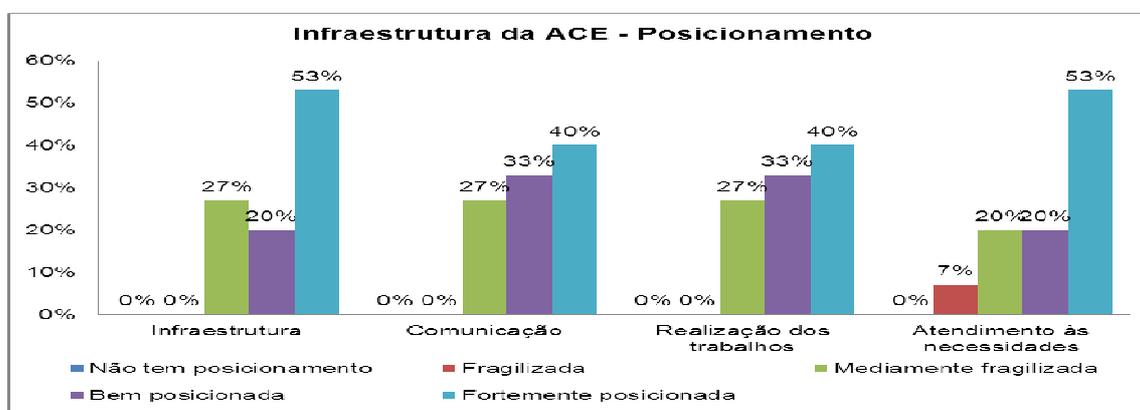
No segundo grupo de questões, o Posicionamento das ACEs no Futuro, quais as perspectivas das ações para as atividades futuras e assuntos discutidos. As respostas estão

organizadas em cinco grupos: infraestrutura, serviços, treinamentos, empreendedorismo, desenvolvimento e função social das ACEs.

5.1 A INFRAESTRUTURA DAS ACES NO PARANÁ.

No primeiro grupo de questões, os responsáveis das ACEs foram questionados em relação à infraestrutura das ACEs para o seu funcionamento. A ACE possui um Espaço do Empresário, que foi desenvolvido para que seus associados e empresários encontrem soluções de acordo com suas necessidades. Neste espaço, o principal objetivo é fazer com que as empresas se desenvolvam de maneira sólida, obtendo os melhores resultados e gerando lucros, também são oferecidas orientações e consultorias nas seguintes áreas: Civil, Gestão e Finanças, Marketing e Trabalhista; postos de atendimento: Agência de Fomento do Paraná, Junta Comercial do Paraná, Ponto de Atendimento ao Empreendedor, Previdência Social e SICOOB (Cooperativa de Crédito). Na pergunta inicial questionou-se em relação ao seu posicionamento para o desenvolvimento comercial e empresarial, Conforme demonstração no gráfico nº 1 a seguir:

Gráfico 1 – Como é a infraestrutura da ACE – Posicionamento



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Verificou-se que parte (40 a 53%) dos entrevistados acreditam que as ACEs estão fortemente posicionadas para o desenvolvimento comercial e empresarial das regiões onde elas atuam. Nessa questão os empresários apresentaram-se pouco otimistas em relação à funcionalidade das ACEs e sua atuação junto ao empresariado, pode-se acreditar tratar-se de um aspecto relativamente pessimista, haja vista que a confiança é um fator decisivo para o bom funcionamento das associações, como afirmaram Pereira e Pedroso (2005), que, ao

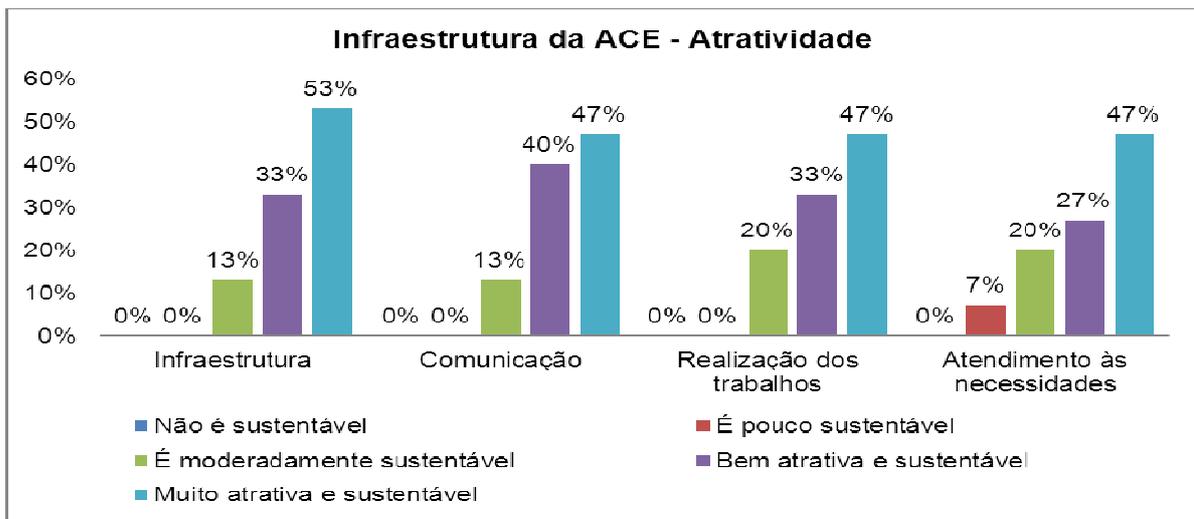
fazerem parte de uma associação, existe a cooperação e o alinhamento de interesses em uma ação coletiva, em que se constata que os indivíduos têm necessidades comuns, que só podem ser atendidas por meio de ações conjuntas, pelo otimismo apresentado nessa questão, verifica-se que os empresários têm encontrado nas ACEs o amparo necessário para o desenvolvimento das suas atividades. De acordo com resultados da pesquisa, 40% dos entrevistados responderam que a ACE possui uma forte comunicação com os empresários, mostrando um bom relacionamento das ACEs com seus associados. A boa comunicação (reuniões, e-mails, etc.) faz com que as ACEs consigam identificar as demandas dos empresários, atendendo de forma adequada às necessidades das empresas, por meio da representação institucional e da prestação de serviços. A comunicação com os empresários é percebida pelos representantes das ACEs como muito atrativa para o desenvolvimento sustentável comercial e empresarial 44%; bem atrativa e sustentável 37%; e moderadamente sustentável 19%. Contudo identificar e atender as necessidades e expectativas não é papel muito fácil, visto que as necessidades e o mercado inovam-se rapidamente. Antes de desenvolver, as ACEs devem planejar as ações mediante análises das informações obtidas do seu relacionamento com os empresários.

Para que se criar um ambiente cooperativo, propício a geração de inovação é necessário que os líderes das organizações promovam a comunicação, acredita-se que a melhor forma de fazer é trabalhar para que os conceitos e estratégias de comunicação sejam assimilados por todos os envolvidos no processo, assim como clientes, acionistas e fornecedores. A Comunicação pode estar em qualquer lugar e para isso é preciso criar uma rede de parcerias colaborativas. Quando questionados se a infraestrutura existente na ACE tornava fácil a realização dos trabalhos, 53% dos entrevistados responderam que está fortemente posicionada e 20% bem posicionada, o que leva a crer existir entre baixa e média sinergia entre a ACE e os empresários, seria necessário que esses números fossem maiores para que efetivamente existisse um bom relacionamento e bom funcionamento dos trabalhos realizados em comum.

Em termos gerais, os empresários acreditam que em relação à infraestrutura as ACEs estão relativamente bem posicionadas, necessitando uma verificação em relação à realização dos trabalhos, que se acredita tratar de falta de espaço físico para o desenvolvimento de atividades que necessitem da interação de um grande grupo. Verificou-se que a maioria das ACEs do Estado não possuem espaço próprio que comporte uma

grande quantidade de pessoas, necessitam a alocação de outros ambientes para a realização de palestras, seminários e cursos. Em relação à atratividade para o futuro das ACEs e sua relação com a sustentabilidade, constataram-se conforme demonstração no gráfico nº 2 a seguir:

Gráfico 2 – Como é a infraestrutura da ACE – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Tem-se observado um crescimento acentuado na preocupação com o desenvolvimento sustentável das regiões e das comunidades, favorecendo, dessa forma, a promoção do crescimento econômico adaptado às novas realidades do mercado, e suas necessidades tecnológicas e de conhecimentos cada vez mais distintos. Observa-se que as empresas têm encontrado na ACE o suporte necessário para manterem-se proativas e inovadoras. Tal afirmativa pode ser comprovada no gráfico acima, em que se verificou que, em todos os quesitos, a boa parte dos entrevistados acreditam que a ACE tem-se mostrado muito atrativa e sustentável em suas propostas. Acredita-se, dessa forma, que inicia-se uma formação de capital social por meio dessa associação, porém, sua formação, estrutura e a forma tem atuado de forma pouco efetiva junto aos seus associados.

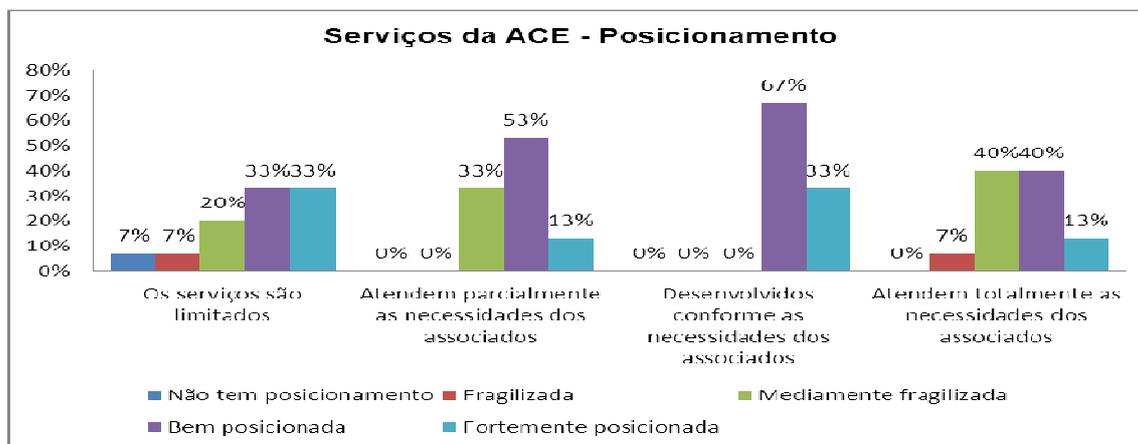
5.2 OS SERVIÇOS DAS ACEs NO PARANÁ

As ACEs prestam vários tipos de serviços, que vão desde a simples reprodução de documentos a consultas de proteção ao crédito SERASA/SPC, treinamentos empresariais,

parcerias, consultorias, certificações, convênios e, principalmente, o fomento de discussões socioeconômicas sobre questões gerais de âmbito municipal, estadual ou federal.

Por meio da representação gráfica abaixo, é possível verificar a opinião dos empresários em relação aos seguintes tópicos, relacionados aos serviços prestados pela ACE, conforme demonstração no gráfico nº 3:

Gráfico 3 – Serviços da ACE – Posicionamento



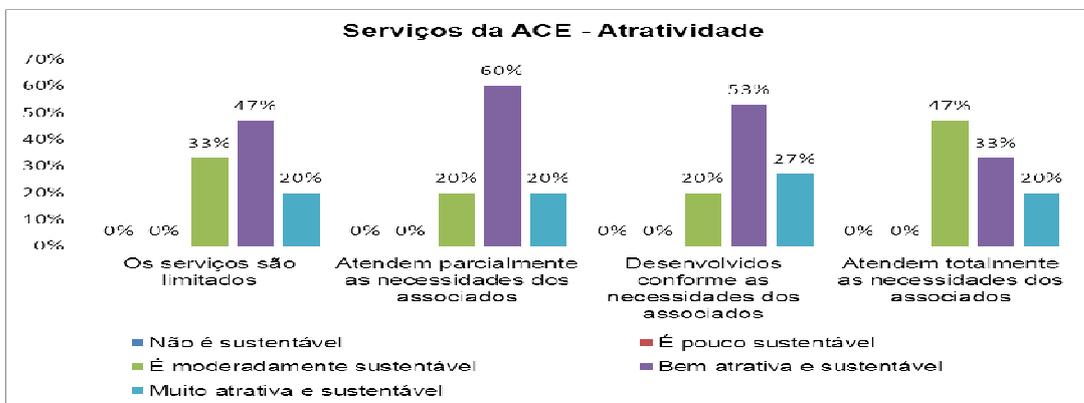
Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Observa-se que em relação à limitação dos serviços prestados, os empresários ficaram entre estarem bem e fortemente posicionadas, ou seja, as opiniões estão bem divididas e 33% somente acreditam que a ACE tem metas e objetivos claros e concisos, e tem, de forma satisfatória, os alcançado.

Já 53% dos entrevistados acreditam que a ACE atende parcialmente às necessidades dos seus associados. A grande maioria (67%) acredita que os serviços são desenvolvidos conforme as necessidades dos associados. Atender às necessidades é uma forma de fortalecimento da confiança, portanto, pode-se concluir que as empresas tem demonstrado poucas necessidades em relação às ACEs.

Num segundo momento, os entrevistados foram questionados em relação à atratividade de futuro, ainda sobre os serviços prestados, onde foram obtidos os seguintes percentuais: conforme demonstração no gráfico nº 4 a seguir:

Gráfico 4 – Serviços da ACE – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

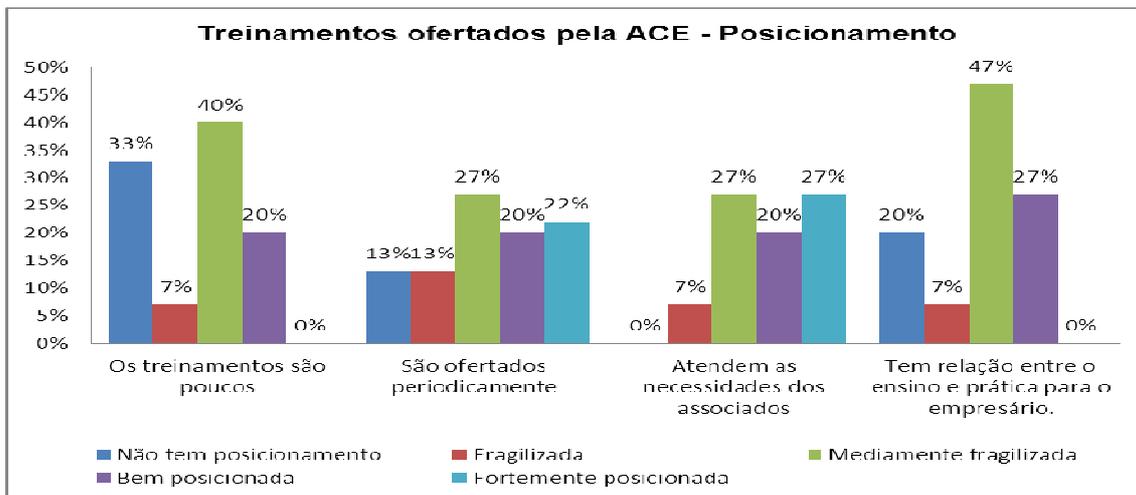
Observou-se que em relação à limitação dos serviços e ao atendimento às necessidades dos associados, 47% dos entrevistados declaram que a ACE apresenta-se bem atrativa e sustentável. Já em relação ao fato de atender às necessidades dos seus associados, 60% declararam ser moderadamente sustentável. Poucos entrevistados acreditam ser muito atrativa e sustentável, o que leva a crer na necessidade da implantação de mais ações que visem à sustentabilidade.

5.3 O TREINAMENTOS NAS ACEs NO PARANÁ

Num mundo cada vez mais globalizado, é importante para o empresariado estarem atentos, no que tange à as novas tecnologias e com os lançamentos do mercado. Muito mais do que passar conhecimento, os treinamentos têm como objetivo capacitar profissionais que, por sua vez, devem atender às expectativas das empresas. Treinar é a palavra chave para os que almejam sucesso, e muitas organizações já contam com planejamentos e programações especiais, focadas em suas necessidades, para construir equipes preparadas e atualizadas; outras empresas necessitam desse suporte de outra fonte, como, por exemplo, pelas ACEs.

Na questão que tratou do posicionamento da ACE em relação ao treinamento ofertado, esta pesquisa obteve os seguintes resultados: conforme demonstração no gráfico nº 5 a seguir:

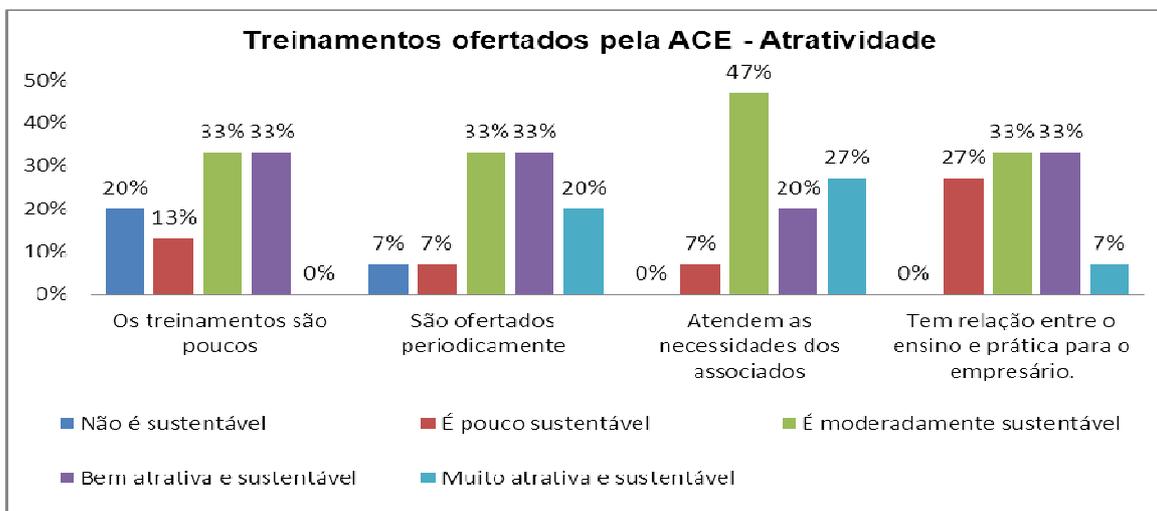
Gráfico 5 – Treinamentos ofertados pela ACE - Posicionamento



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Pela representação gráfica acima, verifica-se que 40% dos entrevistados acreditam que os treinamentos são poucos. Observa-se, também, pela diversidade de respostas, que os treinamentos não são ofertados periodicamente. Nessa questão verificou-se certa dicotomia em relação a essas opiniões. De um lado estão os empresários que acreditam que treinamento é sinônimo de ‘aumento de custos’, uma vez que necessitarão disponibilizar um ou mais colaboradores para participarem dos treinamentos, representando menos mão de obra nas atividades produtivas; de outro lado está a ACE, que necessita de um número mínimo de participantes para iniciar um treinamento. Tal afirmativa pode ser observada na questão seguinte, em que se questionou se a ACE atende às necessidades dos associados, o mesmo número de entrevistados respondeu que atende de forma mediana, e metade respondeu que sempre atende (fortemente posicionada). Tão importante quanto oferecer o treinamento é aliar esse treinamento à necessidade e prática dos vários segmentos de mercado que compõem as associações. Nessa perspectiva, questionou-se sobre a tendência de atividade para o futuro da ACE e sua relação com a sustentabilidade, sendo obtido o seguinte resultado: conforme demonstração no gráfico nº 6 a seguir.

Gráfico 6 – Treinamentos ofertados pela ACE – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Na demonstração gráfica acima observa-se que não existem expectativas de alteração na demanda de treinamentos a longo e médio prazo. Pode-se questionar a relação confiança entre a ACE e os empresários, no que diz respeito a treinamentos. Essa ação não tem sido efetiva ou não tem surtido o efeito esperado.

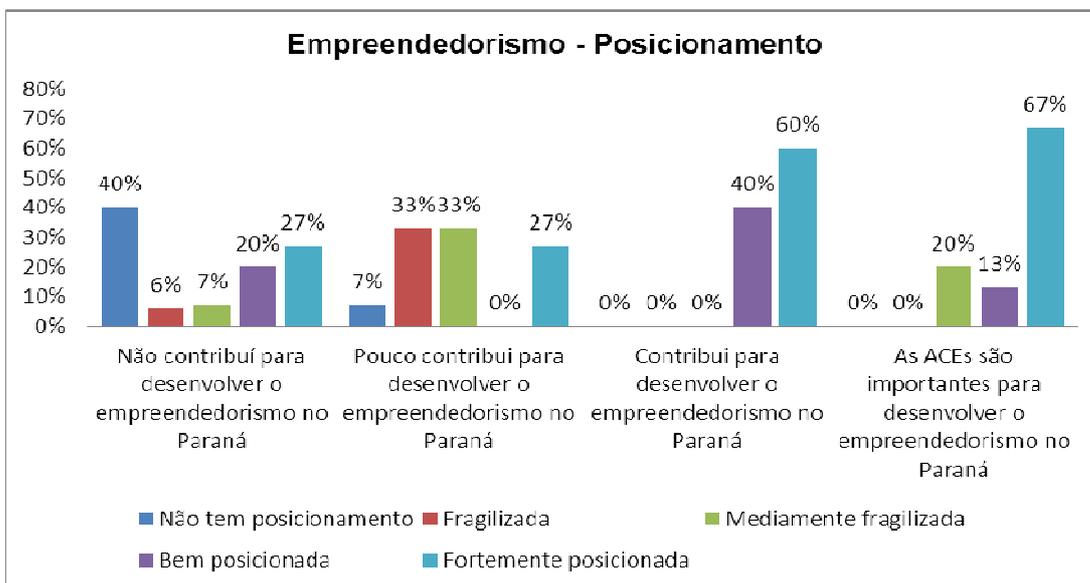
5.4 O EMPREENDEDORISMO NAS ACEs DO PARANÁ

Analisar a questão do empreendedorismo atrelado ao desenvolvimento regional é uma temática que poderia render muitos frutos, porém esta pesquisa estará limitada a analisar a opinião dos empresários sobre a contribuição da ACE para o desenvolvimento do empreendedorismo no Paraná, em relação ao seu posicionamento e atratividade.

Sabe-se que algumas regiões são favorecidas, seja por recursos naturais, seja por grande população estabelecida ali há muito tempo. Contam não apenas com investimentos locais, mas atraem também investimentos externos, o que faz com que os empreendedores encontrem, nessas regiões, facilidades para iniciarem seus negócios. Na realidade, algumas regiões são mais pré-dispostas que outras para o desenvolvimento de determinadas atividades, cabendo a instituições como o Sebrae e a ACE auxiliar os empreendedores na escolha do melhor negócio para a região a que está sendo inserida.

Ainda sobre a pesquisa de campo, questionou-se os entrevistados sobre a relação da ACE com o empreendedorismo no Estado, sendo possível constatar os seguintes resultados: conforme demonstração no gráfico nº 7 a seguir.

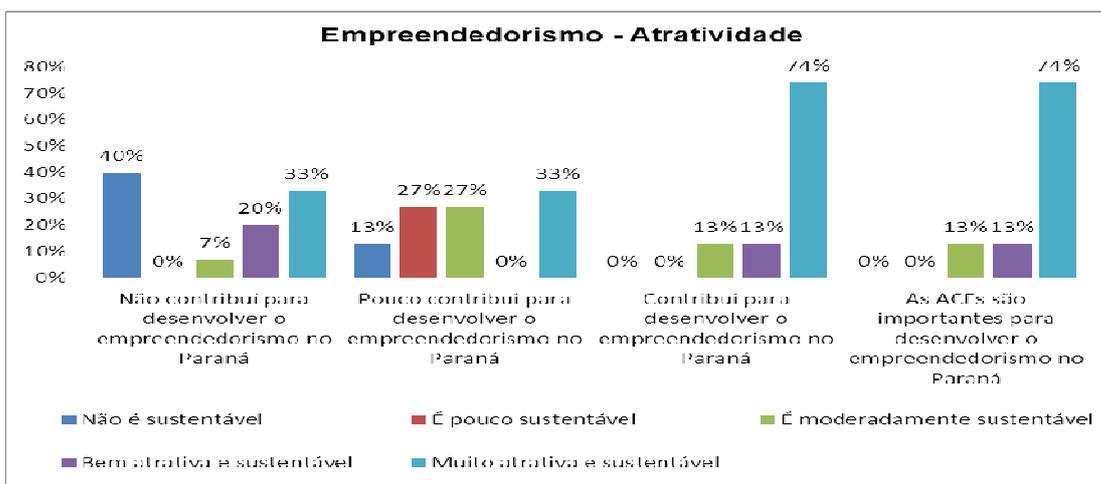
Gráfico 7 – Empreendedorismo – Posicionamento



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Nessa representação gráfica, é possível constatar que maioria dos entrevistados (60% e 67%) acredita que a ACE é importante para o desenvolvimento do empreendedorismo no Paraná. E em relação à atratividade, os entrevistados mostraram-se bastante confiantes na ACE, como é possível observar na demonstração do gráfico nº 8 a seguir:

Gráfico 8 – Empreendedorismo – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

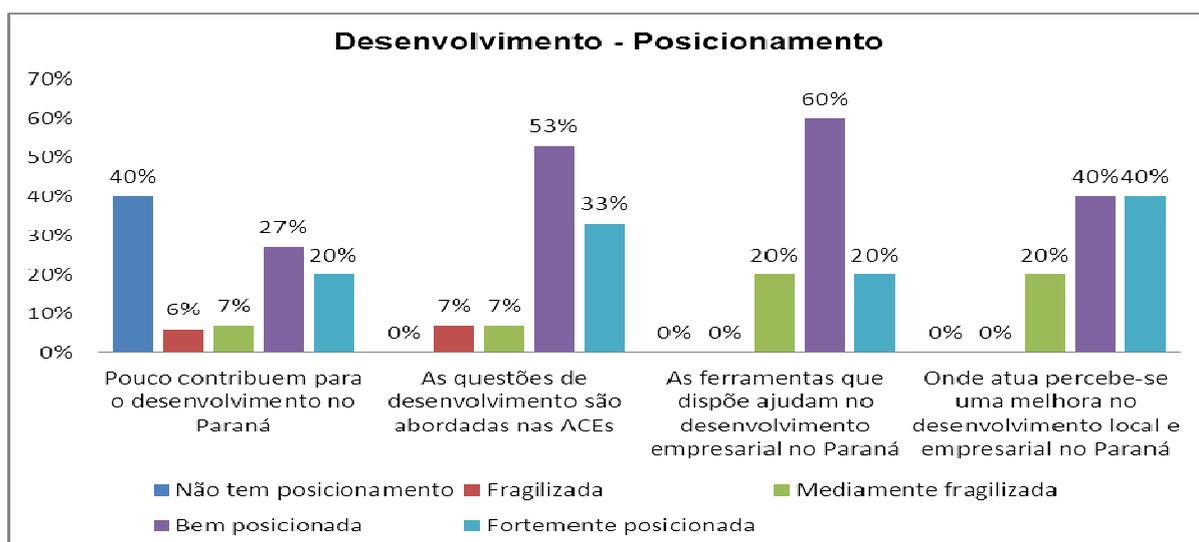
Verifica-se que 74% dos entrevistados declararam que as ACEs são muito atrativas e sustentáveis, mostrando-se importantes para desenvolver o empreendedorismo no Paraná.

No rol de produtos oferecidos pela ACE, em 2011 a FACIAP criou o programa 'Capacitando.Net'. Trata-se de um programa de capacitação desenvolvido para dar às ACEs a possibilidade de levar capacitação profissional aos seus associados, com qualidade na forma de educação a distância (EAD).

5.5 O DESENVOLVIMENTO DO SETOR EMPRESARIAL NO PARANÁ

Nesta pesquisa, buscou-se estabelecer uma relação entre a geração de capital social e o desenvolvimento local, dessa forma, acredita-se que cabe à Associação um relevante papel no desenvolvimento econômico dos municípios em que elas estão inseridas, como principal órgão representativo do empresariado local. Assim, é importante que ela garanta, por um lado, estar presente em todos os conselhos e iniciativas que planejam e implementam o desenvolvimento do município e, por outro, que apresente competência na definição e implementação de propostas para alcançar este objetivo. Dessa forma, buscou-se conhecer a opinião dos empresários sobre a contribuição da ACE para o desenvolvimento do local e empresarial do Estado. Nessa questão, foi possível constatar o seguinte resultado: conforme demonstração no gráfico nº 9 a seguir:

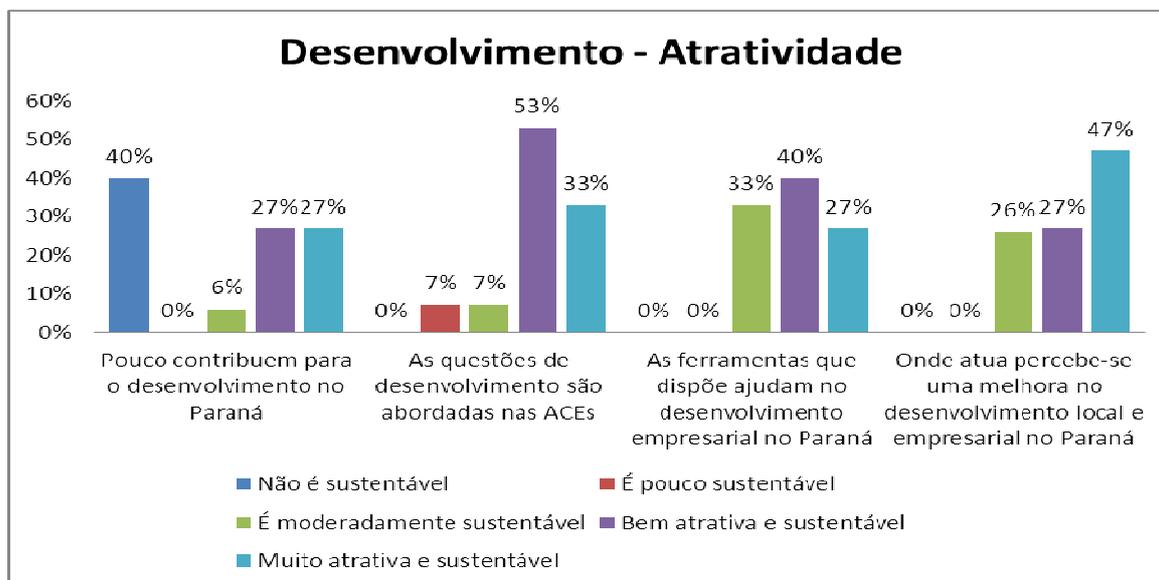
Gráfico 9 – Desenvolvimento – Posicionamento



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Verificou-se que os entrevistados acreditam que a ACE tem-se mostrado presente e contribui para o desenvolvimento do Paraná, seja por meio de questões abordadas seja pelas ferramentas disponíveis. Entre essas ferramentas, foi criado em 2008 o Núcleo de Responsabilidade Social e Sustentabilidade Empresarial (NURSE), com o objetivo de organizar, e facilitar os programas e projetos de Responsabilidade Social e Sustentabilidade desenvolvidos pela FACIAP, seus associados e parceiros, estabelecendo diálogo com seus públicos de relacionamento, desenvolvendo ações coordenadas, mecanismos de capacitação e políticas socialmente responsáveis. Conforme demonstração no gráfico nº 10 a seguir:

Gráfico 10 – Desenvolvimento – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Contata-se que a tendência de atividade para o futuro da ACE e sua relação com o desenvolvimento sustentável pareceu ser bem positiva, observa-se tal fato, pela incidência das respostas 'Bem atrativa e sustentável' e 'Muito atrativa e sustentável' terem aparecido com maior ênfase.

Desenvolvimento Sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender às necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. A definição da forma de atuação e implementação de ações voltadas para o desenvolvimento deve ser feita a partir da vocação e do perfil de cada município. Dessa forma, cabe às ACEs realizar uma radiografia socioeconômica, estrutural e política, dentro de um contexto regional, traçada a

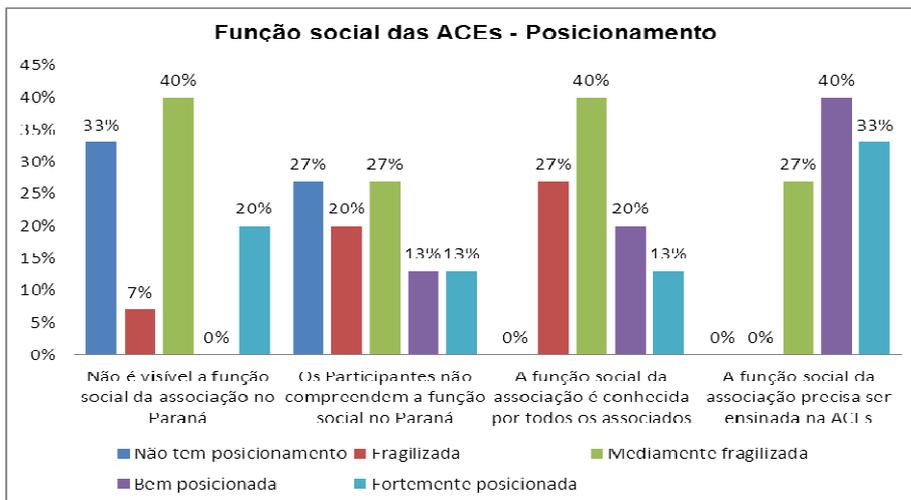
partir dos dados e informações disponíveis nos institutos de pesquisa, governo, ONGs, universidades, entre outros bancos de dados. A seguir, devem ser listadas as principais informações para a implementação de ações voltadas à promoção do desenvolvimento local e fixação da renda, elevando as oportunidades sociais, aumentando a competitividade e viabilidade da economia local, aumentando a renda e outras formas de riqueza e preservando o meio ambiente.

5.6 FUNÇÃO SOCIAL DAS ACEs

No mundo contemporâneo, cada vez com maior intensidade aparecem as dificuldades para que as pessoas gostem ou busquem participar na vida associativa. Trabalhar em prol do benefício de uma comunidade ou de um determinado grupo social não é fácil, e poucos estão dispostos a assumir responsabilidades. Não obstante o homem seja um ser social, a tendência é a de fechar-se sobre si próprio, o que dificulta a participação associativa. Seu objetivo principal é desenvolver uma cultura de colaboração, através do incentivo a mudança de comportamento das pessoas, desenvolvendo suas competências e obtendo o comprometimento com a construção do seu futuro e da organização. Essas pessoas olharão para as mudanças, tendências e oportunidades que estarão surgindo e desenvolverão soluções para os desafios da empresa, através de novas e diferentes perspectivas.

Algumas empresas já praticam a gestão da inovação de forma estrutural e sistematizada, com análise de carteira de projetos, definição de propriedades de investimento, capacitação e captação de recurso. As experiências bem-sucedidas, na maior parte das vezes, estão associadas a ambientes de inovação e agentes externos, que dão suporte às estratégias das empresas. As associações promovem a integração social e assumem um papel determinante na promoção da cultura, do desporto e na área social, substituindo muitas vezes a própria intervenção do Estado. Assim, as associações devem colaborar entre si e dar visibilidade ao que fazem, incentivando o aparecimento de novos dirigentes e colaboradores. Nessa perspectiva, questionou-se sobre a função social das ACEs, a visibilidade, o conhecimento e compreensão da sua função. Foi obtido o seguinte resultado: conforme demonstração no gráfico nº 11 a seguir:

Gráfico 11 – Função social das ACEs – Posicionamento



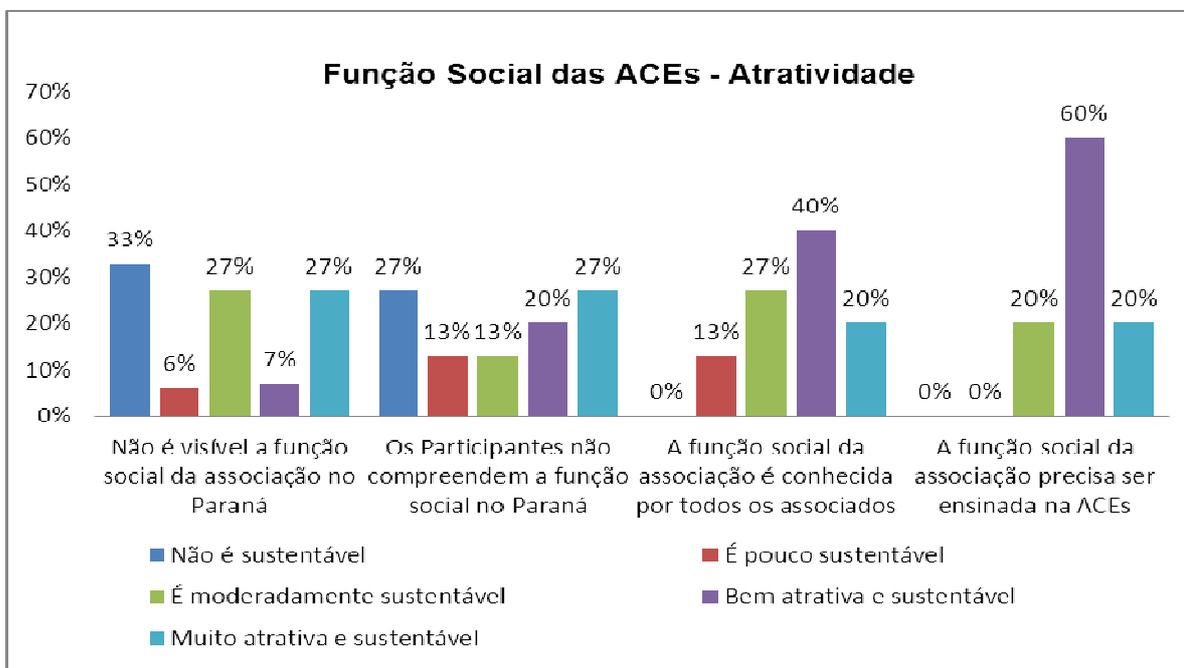
Fonte: Dados da pesquisa (2014).

Verificou-se que 40% dos entrevistados acreditam que a ACE não tem dado visibilidade à sua função social, da mesma forma (27%) compreendem de forma mediana qual é essa função: conforme demonstração no gráfico nº 12:

Por meio dessa última questão, verificou-se que, em questões prática, como a atuação da ACE, seus associados mostraram-se conhecedores, já em relação à função social, necessária para a geração de capital social, mostraram-se alheios e pouco conhecedores. Pode-se considerar que a cultura pode ter influência na compreensão dessas questões. Pela cultura, as pessoas podem-se reconhecer, crescendo juntas e desenvolvendo a autoestima coletiva.

Os valores culturais são de grande importância para o desenvolvimento, uma vez que servem como força coesa, nos momentos em que há a possibilidade de enfraquecimento da comunidade. Conforme demonstração no gráfico nº 12 a seguir:

Gráfico 12 – Função social das ACEs – Atratividade



Fonte: Dados da pesquisa (2014).

O capital social e a cultura podem ser respeitáveis alavancas para o desenvolvimento, se condições adequadas para o seu aprimoramento forem instituídas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoas que se unem em associações têm maior consciência política, confiança, participação política e censo de civismo. Ou seja, quanto maior a participação em associações locais, maior será a cultura cívica; quanto maior a cultura cívica da região, mais eficaz será o seu governo. A participação popular, assim como a descentralização administrativa e a organização de associações contribuem para a defesa da cidadania e manutenção das instituições públicas. As Associações Comerciais e Empresariais são entidades corporativistas, não meramente representantes de determinados setores da economia, mas entidades prestadoras de serviços, desde a reprodução de documentos a consultas de proteção ao crédito, treinamentos, parcerias, convênios e, principalmente, o fomento de discussões socioeconômicas sobre questões gerais e de âmbito municipal, estadual ou federal, porém, por meio desta pesquisa foi possível verificar que, embora os empresários apresentem-se satisfeitos com os serviços oferecidos pelas ACEs, não compreendem o verdadeiro sentido da formação de capital social, e seu reflexo para o

desenvolvimento regional, fato que tem ocorrido de forma discreta e pontual na região citada. Fazer parte de uma associação requer comprometimento, cooperação mútua, confiança entre os parceiros; os associados estão do mesmo lado e possuem objetivos semelhantes. As relações de confiança permitem à comunidade superar mais facilmente os problemas locais. Portanto, quanto mais participativos e operantes forem os empresários numa associação, melhores serão seus resultados.

Nesta pesquisa questionou-se se as ferramentas de apoio ao desenvolvimento comercial e empresarial do Paraná, utilizadas pelas ACEs, são eficazes e eficientes, pode-se afirmar que é verificável. Nos municípios onde elas estão inseridas observa-se que o desenvolvimento econômico e social vem melhorado, embora elas não tenham apresentado resultados expressivos, dessa forma conclui-se que as associações são instituições que buscam promover a educação, cultura, política e os interesses de determinadas classes. O propósito das associações é reunir atributos que permitam uma adequação ao ambiente competitivo em uma única estrutura, sustentada por ações uniformizadas, porém descentralizadas e independentes.

O processo de desenvolvimento regional se produz pela utilização eficiente do potencial econômico local, que é facilitado pelo bom funcionamento das instituições e por eficientes políticas públicas, não existe desenvolvimento de uma região, se as pessoas que dela fazem parte não se desenvolverem da mesma forma. O capital social é o conjunto de recursos provenientes das relações sociais, mobilizadas na formação dos sindicatos, cooperativas, partidos políticos e associações em geral, ou seja, é um fenômeno eminentemente coletivo. De acordo com essa definição, pode-se conceber a associação como uma organização social de pessoas com um objetivo definido.

Entre esses elementos, destaca-se a confiança como constituinte chave na redução das ameaças e das “falhas de mercado”, diminuindo, dessa maneira, os riscos dos negócios. Confiança é um elemento que não se resume a um elo de confiabilidade entre seres humanos em seus tratamentos sociais, mas em uma série de condutas honrosas, dentro da estrutura de trabalho, que permite aos demais observar a idoneidade do que se está trabalhando.

Ademais, foi possível observar, mediante questionários aplicados e leituras realizadas, que fazer parte de uma associação pode desenvolver a autodisciplina e o espírito de colaboração entre os empresários, fazendo com que o ato de estar associado

passa a ser cotidianamente visto com bons olhos, deixando de ser um encargo, e passando a ser encarado como uma forma de colaboração para um fim maior.

Com relação ao empreendedorismo, foi dada maior ênfase à primeira e, em geral, à mais difícil fase do empreendimento: a da sobrevivência. Nessa etapa, a fragilidade das empresas, pela ausência de conhecimento de sua marca ou de seu trabalho, e também, pelo desconhecimento do mercado em que pretendem atuar, demandam ações mais cautelosas. Concluiu-se que esse é um importante momento para as novas empresas aderirem ao associativismo, como forma de buscar amparo na experiência de empresas já consagradas.

Versando sobre o empreendedorismo no Estado do Paraná, por meio da análise dos dados coletados pela pesquisa, verificou-se que as ACEs estão fortemente posicionadas para o desenvolvimento comercial e empresarial das regiões onde elas atuam, porém, tem-se observado poucos resultados práticos. Outro dado essencial para entendermos o otimismo dos empresários com relação à criação e aprimoramento das ACEs, é o fato de que todos compreendem que por meio delas é possível promover o desenvolvimento regional de maneira mais célere, situação dificultada caso as empresas desejassem agir individualmente. Esses mesmos empresários relatam que o suporte dado por essas ACEs no Estado do Paraná tem colaborado de forma pouco satisfatória para que as empresas participantes das associações mantenham-se proativas e inovadoras.

Finalizando, os dados coletados reputam como verdadeiras as propostas iniciais do trabalho, quais sejam, as de provar que a associação, em seus diversos segmentos e com base em seus mais variados aspectos, pode possuir notório desempenho na evolução da economia estadual, representando mola propulsora no que tange ao desenvolvimento regional, e possibilitando uma maior sobrevivência às empresas iniciantes, problemática há muito presente na vida dos empresários do país, porém, existe a necessidade de um amadurecimento no relacionamento empresas/ACEs, pois os resultados dessa parceria ainda são pouco significativos.

Em termos gerais, pode-se concluir que o formato adotado pelas ACEs é promissor, porém, faz-se necessário um ajuste entre as partes, para que essa satisfação apresentada saia do papel e passe a vigorar por meio de resultados práticos e aumento de índices. Esta pesquisa não teve a pretensão de esgotar a temática, porém pode servir de ponto de partida

para pesquisas futuras, como, por exemplo, analisar com mais propriedade o associativismo, o capital social e sua relação com o desenvolvimento regional.

6 REFERÊNCIAS

COSTA, R.K.C. Características empreendedoras do setor madeireiro: um estudo para o desenvolvimento do setor de esquadrias, nas gêmeas do Iguaçu. (Dissertação de Mestrado) Canoinhas, SC: UnC, 2013.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATOS, H. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Summus, 2009

PAES, J. E. **Fundações, associações e entidades de interesse social: aspectos jurídicos, administrativos, contábeis e tributários**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

PUTNAM, R.D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. 5.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SEBRAE. **Taxa de sobrevivência das empresas no Brasil**. Brasília: Sebrae, 2011
(Coleção Estudos e Pesquisas)

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Paidéia)